

EROTISMO E O PODER DO CORPO NA OBRA *A CASA DAS
BELAS ADORMECIDAS*, DE KAWABATA YASUNARI

EROTISM AND THE POWER OF THE BODY IN THE *HOUSE OF
SLEEPING BEAUTIES*, BY KAWABATA YASUNARI

Mina Isotani

RESUMO: O poder exercido pelo corpo nu, o frescor juvenil e a decadência física do idoso constroem a complexa relação entre o dominante e o dominado no romance *A casa das Belas Adormecidas* (1961), de Kawabata Yasunari. O discurso que sanciona as estruturas simbólicas de significação do masculino e do feminino é dissecado e reavaliado no instante da autoconscientização quanto à fragilidade da estrutura social, que atribuía ao homem japonês dominância sobre a mulher. Nesse sentido, quando o protagonista Eguchi, de 67 anos, procura uma casa de prostituição, cujo serviço era oferecer aos homens de meia idade a oportunidade de desfrutar a companhia de jovens virgens, a virilidade perdida pode ser retomada no âmbito subjetivo de um encontro sem diálogo, sem interação, sem a regulamentação comumente creditada aos padrões socialmente exigidos. Contudo, a perversão e a sensação de domínio se liquefazem no momento em que, a até então inquestionada identidade do “macho”, se depara com a supremacia do corpo jovem, com a autoconsciência da incapacidade de consumação do ato sexual, transformando o desejo em desespero. Dessa forma, baseado na reflexão do discurso regulamentador e das relações de poder discutidos em *Na História da Sexualidade*, de Michael Foucault, o presente trabalho tem como objetivo apresentar de que forma o erotismo e o poder do corpo servem de ferramentas para compreendermos a desintegração das representações identitárias, atribuindo ao homem e à mulher novos posicionamentos discursivos, que ultrapassam as definições de gênero.

Palavras-chave: erotismo, poder do corpo; mulher japonesa; representação.

ABSTRACT: The power exercised by the naked body, the youthful freshness, and the physical decay of the elderly construct the complex relationship between the dominant and the dominated in Kawabata Yasunari's novel *The House of Sleeping Beauties* (1961). The discourse that sanctions the symbolic structures of masculine and feminine signification is dissected and reevaluated at the moment of self-awareness to the fragility of the social structure, which attributed to Japanese man dominance over women. In this sense, when the protagonist Eguchi, 67 years old, seeks a house of prostitution, whose service was to offer middle-aged men the opportunity to enjoy the company of young virgins, the lost virility can be resumed in the subjective scope of a meeting without dialogue, without interaction, without the regulation usually credited to the socially required standards. However, perversion and the sense of mastery liquefy itself at the moment when the previously unquestioned identity of the “macho” is confronted with the supremacy of the young body, with the self-consciousness of the inability to consummate the sexual act, transforming the desire into despair. Thus, based on Michael Foucault's discourse of regulation and power relations discussed in *The History of Sexuality* (1976), this paper aims to present how the eroticism and the power of the body serve as tools for understanding the disintegration of representations of identity, attributing to man and woman new discursive positions that go beyond the definitions of gender.

Keywords: Erotism; power of the body; Japanese Women; representation.

O Poder do Corpo

Tendo a diversidade como premissa, somada à curiosidade que o desconhecimento da literatura japonesa possa causar, a proposta da minha pesquisa tem sido desmistificar o olhar “exótico” que o Oriente, em específico, o

Japão recebe do Ocidente. Tal olhar que também cria barreiras para os próprios pesquisadores da área e os afastam de discussões além da estética e da estrutura de criação dos textos, deve ser reapresentado para refutarmos a ideia do binarismo simplista de que as japonesas são frágeis, dóceis, apáticas e submissas enquanto os japoneses detêm a força, a representação social e são os dominadores.

Em *Visible Identities*, Linda Martin Alcoff escreve a seguinte frase: Quando me recuso a escutar como o outro é diferente de mim, eu me recuso a compreendê-lo. Contudo, sem entendê-lo completamente, eu nunca serei capaz de apreciar precisamente que somos mais parecidos do que originalmente imaginávamos” (ALCOFF, 2005). Assim, para trabalhar qualquer assunto relacionado ao masculino e ao feminino na literatura japonesa é necessário compreendermos a construção do discurso determinista do que seria o HOMEM e do que seria a MULHER no Japão.

Para, então, discutirmos a desconstrução e a desintegração do posicionamento dos indivíduos em *A casa das belas adormecidas* (1961), de Kawabata Yasunari, que tem como enredo a história de Eguchi, um idoso de 67 anos, que passa a frequentar um prostíbulo onde os homens podem dormir ao lado de jovens desacordadas à custa de sonífero, divido a análise em duas partes: a primeira centra-se na estruturação social japonesa do início do século XIX e a segunda foca-se na quebra de paradigmas sobre o discurso e o corpo.

Construção do corpo feminino e do corpo masculino dentro do discurso

Ao se deparar com o ambiente impessoal onde as jovens esperavam seus clientes, adormecidas, sem interagir discursivamente com o “outro”, o protagonista é levado à pensar naquela cena e sua integração ao espaço como “homem”, que teoricamente domina uma mulher, aparentemente, indefesa. Sua primeira constatação é:

Ela só não fora transformada em uma boneca viva porque ela não existe. Mas, para evitar constrangimento aos velhos que não eram mais homens, fizeram dela um brinquedo vivo. Não um brinquedo propriamente, mas talvez a própria vida para esses velhos. Talvez a vida que eles pudessem tocar com tranquilidade. (KAWABATA, 2012)

Nesse trecho percebemos duas questões: a primeira é a relação entre a virilidade e o “ser” homem e a segunda é a liquefação da ideia pré-concebida de que o encontro apenas entre os corpos liberta os homens de sua vergonha. Essa objetificação da mulher serve de espelho para escancarar a impermanência da masculinidade centrada no poder do corpo, na ereção, na posição hierarquicamente mais elevada.

Em *A História da Sexualidade* (1976), Michael Foucault discorre sobre a noção de “poder-saber”, que utilizaremos aqui para refletirmos quanto ao domínio sobre o corpo do outro. Esse outro, sob o olhar do discurso determinista no Japão é específico para Homens e Mulheres, como se fosse possível separar os indivíduos em dois grandes grupos, sem levar em conta que o poder, como diz

Foucault, é multidirecional e afeta todos os indivíduos sem a rigidez aparente. Mas então, quem é e como se construiu a representação do japonês e da japonesa? O discurso de homogeneidade cultural que regia o sujeito nipônico, no qual, construído e arquitetado pelo Governo Japonês no final do século XIX, com o objetivo ultranacionalista de expansão hegemônica foi primordial para determinar todas as nuances que regiam a construção identitária do homem e da mulher.

Em *Japan's minorities: The illusion of homogeneity* (2009), o antropólogo Michael Weiner explica:

Na modalidade de nacionalismo que emergiu no contexto da pós-Restauração, o Japão idealizou a homogeneidade cultural e racial como fundação da nação. [...] Ao longo do caminho, empatias culturais poderosas, porém seletivas, foram mobilizadas enquanto identidades regionais ou foram suprimidas ou submetidas a um processo de redefinição cultural, cujo objetivo era alinhar a realidade com a ideologia²².
(WEINER, 2009)

Ou seja, toda e qualquer diferenciação seria considerada uma ameaça à identidade da nação. E no plano governamental, as mudanças “permitidas” também faziam parte das transformações ambicionadas para que a meta econômica fosse alcançada.

²² Texto original de WEINER, M. 2009. “The modality of nationalism that emerged in the context of post-Restoration Japan was one that idealized cultural and racial homogeneity as the foundation of the nation state. [...] Along the way, powerful but selective cultural empathies were mobilized, while regional identities were either suppressed or subjected to a process of cultural redefinition, the objective of which was to bring reality into line with ideology”.

Mesmo que não se pretenda aprofundar o assunto pelo viés sociológico dos estudos de raça e etnia de Michael Weiner (WEINER, 2009), a afirmação do antropólogo de que a construção da identidade nacional japonesa sugeriu o discurso de equivalência entre as categorias de raça e etnicidade, criando o senso de alteridade com o intuito de se contrapor e, ao mesmo tempo, de se impor em relação ao Ocidente, é importante ressaltar esse pensamento para compreendermos a noção de uniformidade almejada pelo governo japonês. Desta forma, a instituição de poder excluía de sua civilização todos os grupos e indivíduos que não se encaixassem dentro do padrão requerido, tornando-os párias e alvo de racismo.

Esses racismos do interior afetaram não somente as populações externas, como os sem-terra e os *ainu*²³, mas os pobres da área urbana ou rural e os que sofriam de doenças crônicas e congênitas. Em cada caso, grupos particulares eram identificados não apenas por sua privação material, mas também por certas características culturais e físicas. (WEINER, 2009)

Isso demonstra um rígido padrão social, onde a visão de marginalização da figura feminina não caberia se pensarmos na mulher como parte integrante e necessária para a ideia de sociedade “homogênea”. Essa relação de poder entre a mulher e o ideal governista é relevante para relativizar a imagem da fragilidade, da obediência indiscutível, da passividade política em contraponto com as novas vozes do feminismo no Japão e, no caso das jovens adormecidas, a desconstrução

²³ Povo nativo do arquipélago japonês.

da dominação do corpo feminino como fator preponderante para a masculinidade.

Sendo assim, se seguirmos essa linha de pensamento, ser totalmente contrário ao imposto causaria o exílio do sujeito, sem direito a ser reconhecido e legitimado como parte integrante da sociedade, na medida em que, apesar da “[...] nação japonesa como personalidade coletiva, ser caracterizada pela uniformidade e homogeneidade, o estatuto familiar foi concebido como um reflexo das qualidades e capacidades inerentes às pessoas” (WEINER, 2009). Em outras palavras, a individualidade ou o sentimento de individualidade a ser desfrutada pela mulher e pelo homem está limitado e mascarado pelo desejo de pertencimento e satisfação, advindos do reconhecimento social.

Para se atingir essa meta binária, o que fica claro é a noção de disciplina que envolve todo o sistema. Michael Foucault trabalha com a teoria de “corpos dóceis” (FOUCAULT, 1999), na qual discorre sobre o poder disciplinar exercido no corpo, que é um objeto a ser moldado para objetivos e intenções específicos de um grupo. Foucault diz que “[...] é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1999). O corpo é uma ferramenta poderosa que move e controla nações.

No caso do Japão, primordialmente, o homem era responsável por ocupar o espaço público, onde deveria agir como o provedor de sua prole, parecer altivo e viril, fazendo de seu trabalho parte de seu poder masculino. No contraponto, a

mulher deveria ocupar o espaço doméstico, cuidar para que seu marido pudesse exercer suas funções no ambiente externo, criar os filhos, buscando sempre o ideal de “Boa esposa, mãe sábia”. Forma-se então o núcleo familiar, que representa o modelo de “família moderna” (近代核家族²⁴ – *kindai kakukazoku*) durante os anos 30 – 40, com o pai como a figura patriarcal, a mãe como figura devota às responsabilidades da casa e os filhos como resultado do sucesso dos pais. O corpo, a sexualidade estavam atrelados à esses ideais.

Dentro desse formato parental, o governo reconhecia homens e mulheres como iguais, no sentido de que cada um tinha funções a cumprir para que a sociedade encontrasse harmonia entre as classes. Sendo que, a consideração binária da anatomia física definia e dividia homens e mulheres, ou seja, desconsiderando a homossexualidade, bem como outras formas de reconhecimento de gênero. Contudo, a posição atribuída aos indivíduos mantinha a mulher numa posição de inferioridade, sem voz social.

Com essa construção determinista e pensando no “corpo social” na teoria de Foucault, as estruturas que correlacionam o corpo e o sexo também devem levar em conta a multiplicidade e a complexidade dos discursos, que se liquefazem no silêncio da impotência sexual do homem. Ou seja, a jovem que, inicialmente, está à serviço dos clientes, mostra que a situação inusitada de

²⁴ *kindai*-moderno é o termo utilizado para definir o período moderno no Japão, que abrange desde o início de Meiji em 1868 até o fim da Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, passou-se a utilizar o termo *Gendai*– presente para identificar o período pós-guerra do Japão.

indecência contemplativa dos idosos esconde a decadência desses clientes, que se envergonham de sua nova realidade.

Uma mulher mergulhada no sono, que não fala nada, que não ouve nada: não seria, por outro lado, o mesmo que falar tudo, escutar tudo de um velho que já não tem virilidade para fazer uma companhia para uma mulher? (KAWABATA, 2012)

Se pensarmos no “ (...) esquema das modificações que as correlações de força implicam através de seu próprio jogo. As distribuições de poder, e as apropriações de saber não representam mais do que cortes instantâneos em processos (...) ” (FOUCAULT, pp. 94) e, então, as atribuições do considerado masculino tornam-se consistentes apenas no silêncio do corpo adormecido, na consciência de um único indivíduo. Ao contrário do ambiente familiar que permitia ao homem exercer sua função dentro do discurso patriarcal, o contato do protagonista com as garotas adormecidas o atormentam gradativamente, mostrando a fragilidade de suas verdades.

Por ela estar de costas, era possível para ele apoiar seu peito nos seios dela e beijar-lhe os lábios. Não lhe desagradaria, absolutamente, beijá-la, muito pelo contrário. Um homem da idade de Eguchi que pudesse fazer isso com uma jovem garota, poderia pagar qualquer preço para redimir-se desse pecado, bem como poderia dar-lhe tudo.

Aos poucos, o erotismo, o corpo nu das jovens e o reconhecimento de que já não poderia ter aquelas mulheres, mostra ao protagonista, como dito por Foucault, que o discurso do corpo e do sexo encontra-se num “campo múltiplo e

móvel de correlações de força, onde se produzem efeitos globais, mas nunca totalmente estáveis, de dominação” (KAWABATA, 2012).

Então, essa multiplicidade da sexualidade se opõe à rigidez da soberania do homem sobre a mulher, num discurso socialmente construído e demonstra a fragilidade da constituição do masculino e do feminino, num encontro do corpo jovem e do idoso, que busca sentir o que outrora era sua verdade. Nessa desconstrução de poderes, é a mulher sem voz que domina o homem com sua vitalidade óbvia, escancarando a impermanência dos discursos deterministas, permitindo novas configurações de dominante e dominado. Isto é, a velhice também exclui e marginaliza Eguchi socialmente, que encontra seu “poder” de macho apenas em suas lembranças e ao lado de belas adormecidas. E o conhecimento do esfacelamento da força exercida por sua posição social anterior o subjuga ao se deparar com o silêncio confortante das jovens e nos mostra que as definições de gênero são líquidas e inconstantes dependendo da posição da construção do discurso.

Assim, termino essa breve reflexão com o momento nostálgico do protagonista, sentindo a juventude em seus braços, um passado que jamais será alcançado novamente.

Eguchi afrouxou o braço que apertava a garota com força, abraçou-a com carinho e ajeitou seus braços nus de modo que ela o enlaçasse. E ela o abraçou docilmente. O velho manteve-se nessa posição e permaneceu quieto. Fechou os olhos. Aquecido, sentia-se num deleite. Era quase um êxtase inconsciente. Parecia compreender o bem-estar e a felicidade sentidos pelos velhotes que frequentavam a casa. Ali eles não sentiriam apenas o pesar

da velhice, sua fealdade e miséria, mas estariam se sentindo repletos de dádiva da vida da jovem. Para um homem no extremo limite da sua velhice, não haveria um momento em que pudesse se esquecer por completo de si mesmo, a não ser quando envolvido por inteiro pelo corpo da jovem mulher. (KAWABATA, 2012)

E o corpo que envolve torna-se a pele do idoso, desprendendo-se, mesmo que por poucos instantes, de sua realidade marginal e inútil para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda Martin. **Visibles Identities-Race, Gender and The Self. Studies in Feminist Philosophy.** Oxford: Oxford University Press, 2005

FOUCAULT, Michel. **Historia da Sexualidade.** Editora Graal. Rio de Janeiro, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** Editora Vozes. Petrópolis, 1999.

KAWABATA, Yasunari. **A Casa das belas adormecidas.** Trad. Meiko Shimon. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

WEINER, Michael. **Japan's Minorities: The illusion of homogeneity.** Nova York: Taylor & Francis, 2009.

Recebido em: 30 jun. 2019.

Aceito em: 29 jul. 2019.